



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



TITULO: Museu comunitário da Região do Anglo: Uma experiência de aproximação entre a Universidade e a comunidade em que está inserida

EJE: Mesa de Trabajo 3. Extensión, docencia e investigación

AUTORES: Noris Mara Pacheco Martins Leal e Maria Leticia Mazzucchi Ferreira

REFERENCIA INSTITUCIONAL: Universidade Federal de Pelotas – Pelotas/RS - Brasil

CONTACTOS: norismara@hotmail.com 55(53) 33053220 – 55(53) 844066360

RESUMEN

O trabalho aqui apresentado é resultado de um programa de extensão desenvolvido por professores e alunos do Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas em conjunto com a população vizinha ao novo campus da Universidade. Essa população se caracteriza por grandes dificuldades econômicas e sociais e pela situação de violência e consumo de drogas. Esta região de Pelotas foi marcada por plantas industriais como frigoríficos que iniciam suas atividades no começo do século XX e cujo declínio se observa a partir dos anos 1980, o que resulta numa população significativa de desempregados. .

A partir da intervenção da Associação de Moradores do bairro e da chamada Central Única de Favelas (CUFA), a Universidade foi chamada a discutir a proposta de criação de um projeto envolvendo as memórias e histórias locais.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



DESARROLLO

Pelotas é uma cidade localizada a 270 quilômetros da capital do estado do Rio Grande do Sul – Porto Alegre. É banhada pela Lagoa dos Patos, sua ligação direta com o Oceano Atlântico, e pelo canal São Gonçalo que une a cidade a Lagoa Mirim.

Apresenta como elementos distintivos ser uma cidade de forte tradição doceira e no passado ter sediado as Charqueadas, empresa de processamento da carne bovina para produção do charque. A economia saladeril gerou um capital expressivo que se manifestou na forma como a cidade se estruturou em um cenário urbano marcado, na zona central, pelos chamados casarões dos barões do charque.

1. As Origens

Na segunda metade do século XVIII, o gado - que por muito tempo se desenvolveu soltos pelos campos do Rio Grande de São Pedro - pelo consumo desorganizado começou a se extinguir. A princípio usado apenas para extração do couro e para consumo doméstico, passou a ter outro uso que era alimentar os escravos, e a ser exportado para outras regiões sob a forma de carne salgada. Inicialmente a carne seca era produzida no nordeste brasileiro, mas o gado daquela região tornou-se insuficiente para a demanda.

Esta situação marcou definitivamente os acontecimentos na região que vai se transformar na cidade de Pelotas. Fugindo de uma forte seca o cearense José Pinto Martins, instalou sua charquedade, à margem direita do arroio Pelotas.

O êxito desse empreendimento, justificado pela localização e pelos métodos empregados, haverá de estimular a criação de outras charqueadas, iniciando-se em larga escala, da indústria saladeril no território rio-grandense. Este exemplo, mais do que qualquer outro, será responsável pela prosperidade de Pelotas em todo o desenrolar do século XIX. (Magalhães, 1993, p.23)

A parte urbana se desenvolveu afastada da região onde se instalaram as charqueadas e do caminho das tropas de gado.

A paróquia e o agrupamento urbano – igreja e povoado – estabeleceram-se sobre um terreno que pertencia justamente, ao capitão-mor, Antônio Francisco dos Anjos negociou as suas terras em



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



forma de lotes urbanos, constituindo uma espécie de quadro, em quase perfeito xadrez, que se mantém até hoje e que serviu de padrão, pelo tempo afora, para todos os outros quarteirões do centro da cidade.(Magalhães,1993, p.27)

Rapidamente a riqueza advinda do comércio de charque pôde ser aplicada em melhorias no povoamento, que se emancipou de Rio Grande em 1832, tornando-se vila. Além das obras públicas necessárias para o desenvolvimento da nova vila, outras preocupações advindas da acumulação dos lucros aparecem, em 1831 é construído o primeiro teatro da cidade e o quarto do Brasil, o Theatro Sete de Abril.

Pelotas, nos primeiros 35 anos do séc XIX, transforma-se de incipiente povoação em próspera cidade. Sede de um município de povoamento tardio – comparativamente a uns poucos municípios prósperos do Rio Grande do Sul -, desde logo assume posição como centro econômico da zona da Campanha, desenvolvendo uma atividade própria, quase que exclusiva de fundamental importância para a organização da economia regional como um todo. (Magalhães, 1993, p.54)

Diversos são os viajantes que passaram por esta região e que comungam da idéia de que a vila de São Francisco de Paula, hoje Pelotas, tem uma posição diferenciada de outras áreas da Província, baseada na sua atividade econômica. Nicolau Dreys por exemplo coloca que:

Pouco mais de 20 anos bastaram para fazer, de uma aldeia insignificante (...) uma vila suntuosa, composta de edifícios aparatosos, ornados de todo o luxo da Europa (Dreys, s/d, p.118)

Assim como Dreys existem os relatos de Saint-Hilaire e Arsène Isabelle, entre outros, que salientam a forma de vida diferenciada desta vila. Segundo Magalhães:

A classe dos charqueadores, enriquecida desde o início do século com a repetição dos intervalos de lazer que lhes são proporcionados pela longa entressafra das charqueadas, vai aos poucos transferindo residência e família para uma certa distância dos estabelecimentos industriais – de



XI CONGRESO
IBEROAMERICANO
DE EXTENSION
UNIVERSITARIA

INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



resto, nada aromáticos e nem consensualmente salutarés-, construindo sobrados de arquitetura européia e ajudando a edificar uma cidade bem traçada, de ruas largas e retas, e projetada com uma espaçosa visão de futuro. (Magalhães, 1993, p.96)

Este florescimento cultural e econômico teve percalços, com o início da Guerra dos Farrapos, conflito que durou dez anos, paralisou-se a produção saladeril na vila. Por causa das constantes tomadas da cidade e das disputas entre farrapos e imperiais, muitos dos charqueadores transferiram os seus empreendimentos para o Uruguai, onde um significativo número de charqueadores possuía propriedades, assim como levavam seus escravos para que não fossem utilizados como soldados no conflito.

Segundo Maestri, São Francisco de Paula tinha em 1814:

homens livres de todas as cores 944, indígenas 105, escravos 1.226. Dezenove anos mais tarde, em 1833, um 'Mapa de São Francisco de Paula, e seu termo', já nos apresenta um significativo crescimento: brasileiros livres 3555, índios 180, libertos 1136 e escravos 5169." (Maestri, 1984,p.75)

Grande parte da população deixou a cidade e as estruturas judiciárias e administrativas ficaram suspensas durante praticamente todo o período da guerra, a cidade retomou com maior dinâmica as suas atividades após a chegada do Barão de Caxias à Província, em 1843.

Os empreendimentos econômicos, começam a se diversificar, houve uma expansão no uso dos produtos bovinos, já em 1841, instalaram-se na cidade dois imigrantes um alemão e outro francês com fabricas de velas, colas e sabão as margens do arroio Pelotas. Também as casas de comércio aumentam em número, aproveitando o capital que é acumulado com o beneficiamento da carne. O Conde D'Eu em passagem pela região em 1865 traça uma visão sobre o crescimento da cidade.

Depois de ter percorrido por duas vezes em toda a sua largura a Província do Rio Grande do Sul, depois de ter estado em suas pretensas vilas e cidades, Pelotas aparece aos olhos cansados do viajante como uma bela e próspera cidade. As suas



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



ruas largas e bem alinhadas, as carruagens que as percorrem (fenômeno único na Província), sobretudo os seus edifícios, quase todos com mais de um andar, com as suas elegantes fachadas, dão idéia de uma população opulenta. De fato é Pelotas a cidade predileta de que eu chamarei a aristocracia rio-grandense (...). Aqui é que o estancieiro, o gaúcho cansado de criar bois e matar cavalos no interior da campanha, vem gozar as onças e os patações que ajuntou em tal mister. (Eu,1981,p.134 e 135)

A partir do final da primeira metade do século XIX começa o investimento do lucro das charqueadas na infraestrutura da cidade, é deste período o início da construção do mercado público, a instalação da iluminação a azeite, a construção de pontes, a criação do primeiro hospital - a Santa Casa de Misericórdia - em 1848.

A área das charqueadas, praticamente restrita ao município de Pelotas, permanece sendo o núcleo de maior circulação monetária e acumulação de capitais, sofrendo agora um amplo processo de modernização, estimulado pelo restabelecimento da concorrência platina, a proibição do tráfico negreiro e a inclusão das estâncias do norte da província como fornecedores de gado para o abate. Os estabelecimentos se remodelam, com a introdução paulatina de inovações tecnológicas e relações de trabalho assalariadas. Surgem indústrias complementares, como curtumes e fábricas de sabão e velas; diversifica-se a aplicação do capital em outras atividades. Em consequência de uma maior comercialização e beneficiamento da carne, intensificam-se as operações de crédito, as transações bancárias, que vão complementar uma das redes econômicas mais lucrativas da Província até os primeiros anos da República. (Magalhães, 1983, p.79)

O lucro obtido pelos charqueadores em seus empreendimentos é investido de forma a obter melhores condições de produção, mas, também, de vida a sua família, a preocupação com o embelezamento de casas e cidade demonstra esta busca. Principalmente a construção de residências no centro urbano distante do local de produção insalubre. O trabalho na charqueada era marcado por um longo período de entre-safra que



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



se refletia na busca do conforto e do entretenimento. O espelho para a modernização era a corte e a França.

Apenas nas três últimas décadas do séc XIX, Pelotas conseguiu 'estruturar' seu espaço urbano. Nesta época (1873), chafarizes importados da França foram instalados em vários pontos da cidade, juntamente com uma caixa d'água de origem francesa, construída em ferro, com ricos ornamentos. A utilização deste material – o ferro era freqüente, pois valorizava a circulação pelos espaços, em vez de enfatizar, apenas a articulação interna do projeto. A necessidade de saneamento justificou tais iniciativas, que coincidiram com o calçamento das ruas centrais. (Marroni, 2008, p.40)

A elite charqueadora queria estar e viver como os hábitos da corte e da elite européia, e além disso queria mostrar este modo de vida o que demonstraria os seus costumes civilizados que os diferenciaria do resto da província, ainda rural, ligada a criação de gado.

O período compreendido entre 1860 e 1890 é o período caracterizado por historiadores, locais, como Mario Osório Magalhães, como o período de maior investimento nas melhorias da cidade, onde surgiram as construções mais ricas, criando um estilo próprio da cidade. Nestes casarões membros da família real foram hospedados por mais de uma vez, passando por ali D. Pedro II, Conde D'Eu, e a Princesa Izabel.

Neste períodoNo final do século XIX, a cidade tinha uma população comparável a de Porto Alegre, capital da Província, formada por diversas etnias que migraram para esta região. Já estavam estabelecidos pomeranos, alemães, italianos, franceses, irlandeses e uma grande quantidade de platinos principalmente uruguaios que fugiram das chamadas guerras cisplatinas. O comércio local era próspero, abastecendo grande parte da Província.

A década de 1890 marca o inicio da derrocada das charqueadas, ocasionada a principio pela Revolução Federalista de 1893¹, que dizimou o gado nos campos e que impossibilitou o transporte dos animais até as charqueadas, e também pela superação do uso das charqueadas que paulatinamente são substituídas pelos frigoríficos.

Se as atividades econômicas não tiveram a intensidade necessária para impor os mesmos padrões de prosperidade e riqueza, a vida social e cultural em nada sofreu, o

¹ Revolução de 93 ocorreu entre Federalistas e Republicanos, uma das sangrentas guerras, na luta pelo poder depois da proclamação da república, em 1889, levantou velhas rivalidades e novamente dividiu o Rio Grande do Sul em dois.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Theatro Sete de Abril que tinha grande parte dos seus camarotes e cadeiras alugados para os charqueadores e seus convidados continuou a receber as companhias líricas, dramáticas de operas e operetas. As moças e rapazes continuavam com a sua rotina de chás, aulas de pintura, esgrima etc..

Segundo Marroni, a partir de 1890, apesar do declínio das charqueadas, Pelotas viveu a *Belle Epóque*, que segundo ela se estenderia até 1927. Para ela este período se justifica pelos inúmeros eventos culturais relevantes que aconteceram na cidade, como por exemplo:

Explosão da imprensa na segunda metade do séc XIX, a fundação da Guarani-Films por Francisco Santos, um dos pioneiros do cinema mundial, que em 1914 lançou um dos seus principais filmes 'Os Crimes do Banhado', a re inauguração do Theatro Sete de Abril, em 1916, a visita de Olavo Bilac a Pelotas neste mesmo ano, a inauguração do imponente Theatro Guarany, em 1921, além da proliferação de casas comerciais de diversos tipos, com destaque para as casas de moda e de artigos de luxo importados. Na literatura a expressão de João Simões Lopes Netto, o maior escritor regionalista do Rio Grande do Sul e um dos mais conhecidos contistas brasileiros (...). Nas artes plásticas Guilherme Litran, Frederico Trebbi, pintores e retratistas trabalhavam de acordo com os princípios do neoclassicismo (...). Na escultura, Antônio Caringi, considerado o 'estatuário da alma do Rio Grande', no início da década de 20 começou a despontar expondo suas obras na capital gaúcha. Na música Zola Amaro, uma das mais belas vozes da arte lírica no seu tempo, lotava o Theatro Sete de Abril quando cantava para os pelotenses. Zola Amara foi a primeira sul americana a se apresentar no requisitado Teatro Scala, de Milão, e a primeira cantora lírica brasileira a obter sucesso internacional. (Marroni, 2008, p.37)

A *Belle Époque* de Pelotas esta inserida na chamada Republica Velha no Brasil (1890-1930), o Rio grande do Sul na quase totalidade deste período foi governado pelo Partido Republicano Rio Grandense, de conformação positivista, onde houve um rearranjo da economia gaucha que, de eminentemente ligada a pecuária, passou a valorizar a policultura com ênfase no mercado local, o eixo econômico passou a ser a região Norte do Estado. Pelotas deixou de ser o núcleo base da industrialização, frigoríficos foram instalados no RS e as charqueadas perderam importância, o Banco Pelotense - um dos mais



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



importantes estabelecimentos bancários do país - fechou as suas portas e a elite local perdeu muito do seu capital.

Pelotas perde importância econômica e conseqüentemente sócio-cultural, como diz Magalhães, a hegemonia cultural passa para Porto Alegre.

A partir daí, em termos culturais, sobreviverá em Pelotas o que se poderia chamar de miragem no declínio: uma espécie de mito, uma utopia, um auto-convencimento de que ainda se mantém a liderança intelectual, mesmo que dividida. Esta, no entanto, já é de todo impossível, por que vem sendo canalizada na outra direção onde se encontra a liderança econômica.

Esse espelho de Narciso dará os seus reflexos negativos, no terreno prático. Não caberia aqui identificá-los. De qualquer modo, a verdade é que poderá timidamente sustentar, em condições materiais pouco favoráveis, o sonho da cultura, só vivido com intensidade em Pelotas nos 30 anos que decorreram de 1860 a 1890. (Magalhães, 1993,p.297)

2. O Programa

O Programa de Preservação do Patrimônio da Região do Anglo, está sendo desenvolvido nos bairros da Balsa, Fatima e Navegantes uma região periférica da cidade, nas margens do canal de São Gonçalo, local fortemente marcado pela ocupação histórica da cidade. Ali se localizaram diversas Charqueadas, sendo que algumas sedes destas ainda permanecem como testemunhos arquitetônicos dessa atividade, formando um conjunto patrimonial de significativa importância para a cidade e para o Estado.

Em 1917 se instalou, também nessa região, o Frigorífico Anglo. Nos anos 1940-60 o Anglo, frigorífico e matadouro, chegou a empregar cerca de 15000 operários, funcionando como abatedouro até 1985, fechando suas portas definitivamente em 1991. A urbanização desta região aconteceu a partir deste empreendimento.

Essa forte inserção histórica no desenvolvimento econômico da cidade, não foi acompanhada por políticas públicas, e nas margens desta região antes industrializada houve ocupação desregrada da beira do canal de São Gonçalo sem a devida regularização dos terrenos pela administração municipal.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



A comunidade ali instalada é composta por operários egressos dos empreendimentos industriais das cercanias e, mais recentemente, por contingentes de pessoas oriundas de outras regiões da cidade e da região sul do estado. Ocupam desde as antigas casas dos trabalhadores do frigorífico até palafitas em situação de risco.

Hoje esta população vive um momento de impasse com a instalação de um campus universitário na sua vizinhança e a preocupação com uma possível perda de espaço, decorrente da possibilidade de serem retirados da região perdendo a sua identidade e história ligada a este lugar.

O objetivo desse programa é, a partir de três projetos interligados entre si, preservar o patrimônio desta região:

1. Projeto de coleta das narrativas de histórias de vida de alguns moradores conhecidos como os mais antigos, observar a problemática relação entre o espaço e a vida social, buscando saber como se constitui essa significação do Bairro entre os diferentes sujeitos sociais.

O acesso aos depoentes se dará através da Escola local buscando-se desenvolver junto às crianças do Ensino Fundamental, essa ligação com os adultos. Projetos dessa natureza já foram largamente experienciados em vários lugares e circunstâncias e, a título de exemplo, vale citar o trabalho de Dora Schwerzstein na cidade de Buenos Aires (2001). O trabalho de memória nos bairros faz com que se aborde o morador como sujeito, através do qual se pode apreender representações de múltiplos, heterogêneos e complexos universos. Os moradores se transformam, através de suas narrativas, nos porta-palavras da história e identidade da comunidade.

No caso em particular desses bairros, a demolição dos grandes conjuntos fabris e instalação de um campus universitário coloca a questão de novas fraturas identitárias e a problemática reconstrução pessoal.

Assim, a valorização das histórias de vida e testemunhos como documentos de história e transmissão de conhecimentos pode vir a se constituir num importante elemento de positivação das identidades e construção de espaços memoriais.

- 2- Projeto do Inventário Participativo que se propõe que a comunidade seja chamada a discutir e se pronunciar a partir do seu ponto de vista em relação aos



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



seus bens materiais e imateriais. A necessidade de entender como as comunidades se relacionam com seus bens, e o que lhe é conhecido enquanto um bem cultural, assim como faz-la perceber a importância destes como forma de elementos que lhe identificam socialmente, nos leva a propor o trabalho de inventariar esses bens com a participação efetiva dessas comunidades, com o objetivo de que participem desses reconhecimento e por conseguinte de sua preservação.

Este inventário seria uma forma de descrição detalhada e permanente para conhecimento de todos. Seria uma forma de levar a comunidade a se ver enquanto grupo, e perceber que possuem um patrimônio que os identifica, tanto material como imaterial, fazendo que com se reconheçam como pessoas possuidoras de memórias e de talentos, ajudando-os na construção de alternativas de crescimento e desenvolvimento da mesma

3 - Projeto Museu Comunitário resultado das duas ações anteriores deverá buscar impulsionar a expressão da diversidade, fomentando a iniciativa da produção cultural e a reflexão sobre a realidade específica de cada comunidade. Assim, este programa a ser realizado na região do Campus Anglo, justifica-se pela proposta de incentivar a apropriação consciente do patrimônio cultural por parte do grupo de moradores, construindo e reconhecendo a possibilidade de organização, fortalecendo o espírito de pertencimento e a criatividade de seus integrantes, para que venham a participar e interferir na sua própria história, transformando-a, através dos instrumentos necessários, na direção de um futuro melhor.

Partimos do conceito de patrimônio cultural enquanto toda a memória de referência não apenas pessoal, mas comunitária, pois além do sentido sócio-histórico que lhe é próprio está enraizada em um território, o que conforma o modo de vida de um povo.

A tarefa de levantamento das histórias de vida, do inventário e do museu não deve ser somente de técnicos, mas deve possibilitar outros olhares, uma vez que guardam lembranças, representações, evocam um passado e uma cultura, o que pode trazer, partindo deste patrimônio, a capacidade de se discutir e traçar um destino diferente.

A Constituição de 1988 coloca em seu artigo 216 que “Constituem-se patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, á



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira...”o que levou a construção de vários inventários em todo o país. O processo que estamos estabelecendo junto à Universidade, é de uma pesquisa-ação onde poderemos ampliar o conceito de patrimônio, arrolando nessa listagem tudo aquilo que possa ter referência local, como tradições e costumes, buscando uma maior participação da comunidade a ser trabalhada, em tarefas de proteção, preservação e difusão do seu patrimônio cultural.

Entendemos que os bens intangíveis carecem de uma política, que seja democrática e que seja popular, não só no processo de identificação, e na ampliação do conceito de patrimônio, mas, principalmente, na questão da democratização da apropriação simbólica desses bens, permitindo “sua apropriação diferenciada pelos grupos sociais, mesmo em situação de desigualdade econômica e social”^a (Maria Cecília Londres Fonseca- o Patrimônio em Processo-Editora UFRJ) aqui não seria Londres Fonseca, 200., p..)

Este registro, possibilitará o conhecimento sobre a compreensão da comunidade sobre o conceito de patrimônio, mas também conhecer o seu patrimônio, a situação em que se encontra o mesmo, identificando os bens materiais e imateriais, propondo assim um trabalho conjunto entre experts e comunidade.

É preciso inverter a lógica até hoje utilizada para construção dos bens culturais, que são feitas por intelectuais de determinadas áreas do conhecimento, o que obriga a sociedade, para entender este patrimônio, se apropriar destes conhecimentos, o que faz com que não se identifiquem, uma vez que não possuem o conhecimento teórico utilizado em sua construção. Assim, partiremos do conhecimento que certo grupo possui para então, estudarmos, em conjunto com ele, uma gama de valores e símbolos atribuídos por eles a determinados bens, bem como a motivação cultural para que o levaram a identifica-los coletivamente.

Precisamos lembrar, ainda, que segundo definição do ICOM (Conselho Internacional de Museus), Museu é:

uma instituição sem fins lucrativos,
permanente, a serviço da sociedade e de
seu desenvolvimento, e aberta ao público,
que adquire, conserva, pesquisa, divulga e
expõe, para fins de estudo, educação e



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



divertimento, testemunhos materiais do povo
e seu meio ambiente.

Então o papel do museu é desenvolver reflexão a qual, deverá, permitir a transformação da realidade. Portanto a musealização do fazer cultural só terá sentido se permitir a produção de conhecimento e construir uma nova prática social. O seu fim último não pode ser só o armazenamento e a conservação, mas o entendimento e o uso do acervo preservado pela sociedade, para que pela memória, a dimensão cotidiana seja entendida e venha a ser mudada contribuindo, também, para desmitificar e dessacralizar a idéia de museu. O objetivo maior deverá ser contribuir para o exercício da cidadania, para que o cidadão possa apropriar-se do patrimônio e qualificar como tal o seu próprio fazer e forma de viver.

Para isto a nossa ação museológica deve estar calcada na produção de conhecimento e ter presente que a preservação, a comunicação e a pesquisa são etapas imprescindíveis para o nosso fazer. A utilização de testemunhos materiais e imateriais deverá ter por objetivo dar conta, explicar e desenvolver experimentação, antes de serem transformados, apenas em objetos passíveis de constituir coleções. Deve mostrar objetivamente o desenvolvimento econômico, cultural, político e social do homem, numa área geográfica determinada, de tal modo que os participantes do museu possam dar-se conta, da melhor forma possível, dos problemas que lhe dizem respeito e determinam a vida da região.

A investigação e a interpretação assumirão toda a sua importância se voltadas para as questões de ordem social. Constituem, por seu lado, preocupações essenciais da nova museologia, encaminhando soluções e identificando problemas.

O essencial é a interdisciplinaridade que contraria os saberes isolados e redutores abrindo novos territórios à reflexão científica, empírica ou mesmo pragmática. A comunidade deve ter um lugar fundamental no museu, ela é participe. Seguindo os princípios da nova museologia mais do que mero espectador ela realiza, com suporte de reflexão e de intervenção. A exposição museológica deve ser, antes de mais nada, um processo de formação permanente e não mais o objeto de contemplação.

Segundo Mário Chagas o Museu é:

uma instituição a serviço da sociedade, da
qual é parte integrante, e que possui nele



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permite esclarecer os problemas atuais, isto é ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais. Enfim, é um espaço de trocas, de relação e de preservação de documentos, que só possuem sentido se para eles houver um uso social, precisam ser usados pelas pessoas (CHAGAS, 1996).

O Museu precisa cumprir a sua função social que é a de formar cidadãos, mais do que uma utopia é uma questão de vontade política de cada um que atua nesta área de conhecimento e que propõe que os museus deixem de ser apenas depositários de objetos velhos e se transformem em um local de educação e de preservação da memória de uma comunidade, e que esta o reconheça como tal.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Bibliografía

- ABREU, Regina. (1996). A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco.
- BAENA, Victoriano. La transcripción. Historia, antropología y fuentes orales. 1997, n.18
- BARBOSA, Ivone C. A experiência humana e o ato de narrar. Revista Brasileira de História.vol. 17, n.33, 1997.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. Obras Escolhidas:magia, técnica, arte e política. Editora Brasiliense. 1985Bourdieu, Pierre. (1989). O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Difel.
- BOLANOS, María. (2002). El Gran Museo Del Mundo. La Memoria del mundo: Cien años de museología 1900-2000: Ediciones Trea.
- CAMARENA, Cuauhtémoc & MORALES, Teresa. Comunidades Creando Exposiciones, México, Anacostia Museum.
- CAMARENA, Cuauhtémoc & MORALES, Teresa & VALERIANO. Pasos para crear un museo comunitário, Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, México, 1994
- CANCLINI, Nestor Garcia (1994). O patrimônio Cultural e a Construção imaginária do Nacional. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,n 23, Rio de Janeiro: IPHAN.
- CARVALHO, Isabel Cristina Moura .Biografia, Identidade e Narrativa: elementos para uma análise hermenêutica.
- CHAGAS, Mário. (2002). Memória e Poder: dois movimentos. Cadernos de Sociomuseologia, n. 19, p 35-67. <http://www.cadernosdesociomuseologia.ulusofona.pt/arquivo/sociomuseologia>
- CHAGAS, Mário. (1996a). Museália. Rio de Janeiro: JC Editora.
- CHAGAS, Mário. (1996b). Cultura Patrimônio e Memória. In: Ciências e Letras. nº 31. Porto Alegre: Revista da Faculdade Porto Alegrense de Educação, Ciências e Letras.
- CLIFFORD, James (1994). Colecionando arte e Cultura. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,n 23, Rio de Janeiro: IPHAN.
- CRUZ, Glenda Pereira da. Espaço Construído e a Formação Econômico-social do Rio Grande do Sul: uma metodologia de análise e o espaço urbano de Pelotas. Mestrado em Urbanismo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1984.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Dreys, N *Noticia Descriptiva da Província do Rio-Grande de São Pedro do Sul.*

Eu' Luis Filipe Maria Fernando Gastão de Orléans, Conde D' (1981) *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul*, Belo Horizonte, Ed Itatiaia; São Paulo, Ed da Universidade de São Paulo

ESSINGER, Cíntia Vieira. *Bicho da Seda: o espaço dos operários das fábricas de fiação e tecelagem de Pelotas. Monografia de Especialização em História do Brasil.* UFPEL, 2006.

FERREIRA, Maria Letícia M. *Os três apitos: memória pública e memória coletiva, Fabrica Rheingantz (1950-1970)*, Tese de Doutorado em História, PUCRS, 2002. Foucault, Michel. (1995). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal.

FRAAYZE-PEREIRA, João Augusto. (1995). *Do Império do Olhar à Arte de Ver*. In: *Tempo Social - Revista de Sociologia da USP*, volume 7, São Paulo.

GOHN, Maria da Glória. (1999). *Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. (Coleção questões da nossa época, v.71), p.21-64. São Paulo: Cortez.

GUARNIERI, Waldisa Rússio. (1990). *Museologia e Identidade. Cadernos Museológicos.* n.1&2, p.39-48.

GUTIERREZ, Ester J. B. *Barro e Sangue: mão de obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888)*. Pelotas, Ed. UFPEL, 2004.

LEITE LOPES, José Sérgio. *A Tecelagem dos Conflitos de Classe Na Cidade das Chaminés*. São Paulo/Brasília: Marco Zero/CNPq, 1988.

Maestri Filho, M. J. *O Escravo no Rio Grande do Sul: a charqueada e a gênese do escravismo gaúcho, Caxias do Sul: EDUCS- EST, 1984.*

Magalhães, M. *O Oportunidade e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: Editora da UFPEL/Livraria Mundial, ..1993.

Marroni, F. V. *Pelotas (re)vista: a Belle Époque da cidade através da mídia impressa – São Paul, 2008*

MARINAS, José M.; SANTAMARINA, Cristina. *La historia oral: métodos y experiencias*. Madrid: Editorial Debate, 1993.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo, edições Loyola, 2ed.,1998



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



MENESES, Ulpiano Bezerra de. (2000a). O lugar da pergunta e do estranhamento. Porto Alegre. Jornal do MARGS, nº 58.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. (2000b). Os Usos Culturais da Cultura: Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais.(Conferência).

MENESES, Ulpiano Bezerra de. (1994). Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. In: Anais do Museu Paulista – História e Cultura Material – Nº 2. São Paulo:USP.

MOORE, Kate. Perversión de la palabra. Historia, antropologia y fuentes orales. 1997, n.18

PASSERINI, Luisa - Mitobiografia em história oral. Projeto História, 10, SP, 1993,p. 29-40.

POLLACK, Michel; HEINICH, Nathalie. Le Temoignage. Actes de la Recherche en Sciences Sociales. N.62/63, Editions de Minuit, 1986

PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. São Paulo: Projeto História,(10), dez.1993

QUEIROZ, Maria Isaura. Relatos orais do “dizível” ao “indizível” IN: SIMSON, Olga Von (org.) Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil).São Paulo, Vértice, 1988

RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa. Vol.1, Campinas, Papirus, 1994: 85-133

SCHWARSTEIN, Dora. Una introducion al uso de la historia oral en el aula. Buenos aires, Fondo del Cultura Econômica, 2001

SILVA, Neusa Regina Janke da. Entre os valores do patrão e os da nação como fica o operário (O Frigorífico Anglo em Pelotas: 1940-1970). Dissertação Mestrado de História do Brasil. Porto Alegre: PUC, ago/99.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Del proyecto urbano a la producción del espacio: morfología urbana de la ciudad de Pelotas, Brasil (1812-2000). Barcelona, 2002. Tese (Doutorado). Universidade de Barcelona.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. Projeto História. São Paulo, 15, 1995.

THOMPSON, Paul. La voz del pasado.Valencia. Ediciones Alfonso El Magnânimo, 1988

TONKIN, Elizabeth. Narrating our pasts: the social construction of oral history. New York. Cambridge University Press, 1992

VERGARA, Jorge Ivan.La voz de los sin voz? Analisis critico de la producción de



trstimonios

em

las

ciências

sociales